

## **Representação da identidade andrógina: do corpo mítico e histórico ao não-corpo veiculado pela mídia<sup>1</sup>**

Lícia Frezza PISA<sup>2</sup>

Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Sul de Minas Gerais -  
IFULSULDEMINAS, Minas Gerais, MG

### **RESUMO**

O presente artigo tratará sobre a questão da identidade andrógina e como sua representação na mídia revista se alinhou com o discurso da moda que, ao mesmo tempo trouxe a questão para a discussão e deu visibilidade ao tema, como também apagou a luta política da identidade andrógina por meio do consumo. A androginia foi pesquisada por meio do *ethos* (MAINGUENEAU, 2008) para a compreensão de sua representação e, por meio de um quadro semântico com termos relacionados à representação do corpo do andrógino perceberemos que esse corpo tem características de um não-corpo.

**PALAVRAS-CHAVE:** identidade; androginia; representação midiática.

Muito se fala sobre discussão de gênero, sexualidades, identidades plurais, representações da diferença e assistimos aos transgêneros ganhando cada vez mais espaço na mídia, mas pouco se fala sobre androginia.

Para compreendermos certas questões de identidade percebemos que, por muito tempo, o sexo é que definia a identidade e, conseqüentemente, o gênero das pessoas, mas a construção identitária acompanha a fluidez do mundo em que vivemos e do referencial temporal marcado, não sendo algo inato ou bem delimitado, por isso entrou em crise (HALL, 2006): com novos e diferentes valores sociais em circulação e valores culturais híbridos, em decorrência das práticas culturais de consumo no processo de ampliação global, pois hoje é possível ter mais acesso a produtos, serviços, ideias, atitudes, *status* social, diversidade de corpos, programas, filmes, livros, estilos de vida. A identidade é um efeito dos acontecimentos da vida cotidiana que se realizam por meio da linguagem, dos dizeres, dos signos, da mídia e o corpo é o suporte da construção da identidade, pois

---

<sup>1</sup> Trabalho apresentado na DT 7 – Comunicação, Espaço e Cidadania no XXIII Congresso de Ciências da Comunicação na Região Sudeste, realizado de 7 a 9 de junho de 2018.

<sup>2</sup> Docente do curso de Produção Publicitária do IFSULDEMINAS, e-mail: [licia.pisa@ifsuldeminas.edu.br](mailto:licia.pisa@ifsuldeminas.edu.br).

---

se a sociedade está em constante mudança, o indivíduo também deve estar redefinindo a identidade frequentemente (GIDDENS, 1994).

Assim, há mais referenciais e isso aumenta as possibilidades de as pessoas escolherem o que querem ser. Esse processo de troca cultural é viabilizado pela esfera midiática, que passou a gerir os modos de ser das pessoas no mundo que, por meio da transmissão de ideias, valores, imagens, dizeres etc. divulga as representações e significações identitárias. A comunicação midiática e digital, a partir dos anos 1990, passou a ocupar lugar no dia-a-dia da sociedade e a influir nos modos de pensar, agir, falar, se posicionar (PAIVA, 2012). Hoje a comunicação ocupa um lugar privilegiado, e as mídias, por estarem presentes massivamente, acabam por trazer informações que permeiam a política, a educação, esportes, transportes, religião, medicina (LOPES, 2014), o imaginário e provocam modificações nos estilos de vida, maneiras de se relacionar, consumir, ou seja, novas formas de socialização que colaboram na constituição de identidades. A mídia passou a ser um espaço de produção e circulação de formas simbólicas e, portanto, referência para as pessoas na sociedade conectada e inter-relacionada: os meios participam da construção e do reconhecimento das identidades (DUARTE, 2002).

Com isso, o objetivo deste trabalho é compreender, por meio da análise do *ethos* (MAINGUENEAU, 2008), como o andrógino foi representado em revistas de circulação nacional entre os anos de 1993 a 2015 e, por meio de um quadro semântico, feito a partir dos termos encontrados nas publicações, compreender como o corpo físico do andrógino foi representado, concluindo que a representação andrógina passa por um não-corpo, um não ser, evidenciando a sua quase invisibilidade midiática.

### **A identidade, o sexo e o andrógino**

É importante ressaltar como o sexo pautou e ainda pauta a questão da identidade. Foucault (1998) traçou a história da sexualidade para demonstrar que o sexo era determinante para a constituição da identidade em determinados períodos históricos. O autor traz algumas contribuições para pensarmos essa questão, pois analisou o processo em que o ser humano se constituiu em objeto de saber: o ser da linguagem (objetos da filologia e gramática), o ser produtivo (economia política) e o ser vivo (biologia). O sujeito sempre está em relação com outros, com coisas, com discursos, com práticas discursivas que permeiam as possibilidades de identidade, marcando as posições de

---

sujeito, quem pode ocupar tal posição, o que é possível dizer, de que lugar se fala etc., sendo as identidades, então, construídas nas relações.

O sexo biológico estava ligado à procriação, às coerções sociais e definia o masculino e o feminino; e a sexualidade designava a individualidade da pessoa, porém, ambos deveriam estar dentro da normalidade e, não ser masculino ou feminino não era uma opção disponível. Decorre da classificação dos gêneros que havia uma preocupação com a manutenção da sociedade e sua produtividade e, conseqüentemente, o gerenciamento das populações, fazendo com que qualquer desviante devesse se enquadrar num ideal (burguês) de conduta. Nesse projeto disciplinar da população havia a busca pela essência universal das pessoas para evitar o aparecimento dos “anormais” e fazendo o enquadramento no tripé sexo, sexualidade e gênero, um estando em acordo com o outro.

Desse modo, as identidades tidas como desviantes são uma forma de resistência à classificação de gênero ligada ao sexo e à sexualidade. A identidade sexual homossexual, por exemplo, ligada à busca dos prazeres ganha caráter de “pecado”, de errado, justamente por não atender aos predicados da procriação impostos pelo casamento cristão. Do mesmo modo, travestis, transexis, transgêneros são tidos como desviantes da norma<sup>3</sup>.

Assim, o andrógino aparece na sociedade na tentativa de inverter, modificar as classificações de gênero, visto que não se trata de se enquadrar em masculino e feminino e mudar de sexo, por exemplo, e nem de sexualidade, pois não havendo a imposição do limite de gênero, a sexualidade pode se manifestar de várias maneiras e ser mudada, trocada a qualquer momento. Não se trata então de uma identidade provinda da sexualidade e nem uma identidade de gênero. O que se busca é a liberdade da identidade do sujeito que, em meio a tanta possibilidade, quer ser o que quiser.

Esse modelo que buscava enquadrar os indivíduos traça um panorama do que seriam os humanos com desvios de sexo e gênero e a necessidade de correção. Assim, até o fim do século XVIII as pessoas nascidas hermafroditas eram consideradas andróginas por possuírem ambos os sexos, ou seja, a biologia definia a identidade. Já no século XIX, com o desenvolvimento da “ciência sexual”, o hermafrodita passa a ser um pseudo-hermafrodita e desloca a identidade do corpo físico para a mente. No século XX, Deleuze

---

<sup>3</sup> A luta dessas identidades desviantes ganhou força com o movimento feminista, pois, ao questionar o gênero, o feminismo buscou uma nova expressão sem ser uma categoria deliberada em função do homem, por isso a luta para abolir a dicotomia homem/mulher e constituir nova(s) identidade(s) feminina(s). Isso deu mais abertura para os movimentos gays e lésbicos, pois também lutavam por outras possibilidades de identidades sexuais que iam contra ideologias historicamente impostas, “como a repressão sexual e a heterossexualidade compulsória” (CASTELLS, 2008, p. 256).

(1992) desenvolve outra configuração para a sociedade disciplinar: a sociedade de controle, que mantém as organizações de vigilância, porém, com uma maior eficiência, pois agora, todos podem vigiar todos, o controle é contínuo via comunicação instantânea, como câmeras de vigilância, visibilidade de publicações públicas na internet etc. O controle sob as pessoas é ampliado e as possibilidades de categorização das identidades também, visto que é preciso incluir os sujeitos “desviantes” em novas categorias e para isso é preciso compreender como as identidades se apresentam na sociedade. Dessa forma, o que compreendemos hoje por *androginia* é diferente do que era entendido desde a Antiguidade, pois se cada época traz diferentes marcas culturais, as identidades e a *androginia* também passam pelo mesmo processo.

A androginia possui poucas pesquisas e estudos, temos em Singer (1990) uma das publicações mais referenciais sobre o assunto. Partindo para um conhecimento inicial sobre androginia temos que *androginia* é um termo cuja etimologia vem do grego “androgynos” (MONNEYRON, 1994 *apud* RABOT; RUAS, 2013). É o um que contém os dois: o masculino (andro) e o feminino (gyne), que participa dos dois sexos (SINGER, 1990), portanto, é uma possibilidade de pensar outras classificações de gênero, não mais pautada no binarismo masculino e feminino, mas sendo uma mistura dos dois, juntando os aspectos masculinos e femininos em uma única pessoa, formando uma nova possibilidade de identidade, reconhecendo de maneira consciente ambas as características em cada indivíduo relacionando-se de maneira harmoniosa, sem entrar em competição, mas em cooperação, como uma diluição das fronteiras de gênero.

Na prática, o hermafrodita ou andrógino eram termos utilizados como sinônimos desde a antiguidade até o século XVIII e foi uma figura importante para explicar o discurso médico, moral e espiritual sobre o sexo e sobre o gênero em nossa cultura. O hermafrodita gerava curiosidade pois era ao mesmo tempo homem e mulher e questionava os padrões culturais do que era ser homem ou mulher. Assim, o percurso do hermafrodita-andrógino se desenvolveu assim:

a) Mitologia Grega: “andrógino era então um gênero distinto, tanto na forma como no nome comum aos dois, ao masculino e ao feminino, enquanto agora nada mais é que um nome posto em desonra” (LEITE JR., 2009, p. 22). Eram três os gêneros, pois o masculino era descendente do sol e o feminino da terra, e o andrógino, que continha os dois, era descendente da lua e, por isso, tinham muita força e muito vigor, porém, eram arrogantes e causavam discórdias e, com isso, se voltaram contra os deuses e, como

---

consequência, Zeus os cortou ao meio, na tentativa de deixá-los mais fracos e mais úteis, pois agora seriam maiores em números e, conseqüentemente, passariam as metades a se procurarem. E se procurariam os duplos, ou seja, homens duplos de homens se procurariam, duplos de mulheres se procurariam e os duplos homens e mulheres, mistos, se procurariam, ou seja, um terço das possibilidades seria heterossexual. Depois da divisão, Zeus virou o rosto e o único sexo deles para trás, que agora seria a frente do corpo, possibilitando a procriação.

No mito de Platão, os andróginos eram relacionados ao mundo espiritual, a corpos mágicos, em perfeita união espiritual, pois representavam aquilo que não somos e nem poderíamos ser, pois já nascemos separados, e eles possuíam os dois sexos. Essa representação do andrógino foi influenciada pela figura do hermafrodita da religiosidade popular grega, vinda do mito de Hermafrodito, escrito por Ovídio em *Metamorfoses*.

Desse modo, as crianças nascidas com dois sexos ou qualquer outra deformidade ou ambigüidade genital deveriam ser sacrificadas, sendo consideradas castigos de deus ou algum tipo de mau presságio. O sexo, então, no mundo popular grego não definia o que era ser homem ou mulher, era apenas mais um diferenciador entre posição social, roupas, espiritualidade, desejo etc., pois nessa época havia a ideia de que o corpo era um para os dois sexos (LAQUEUR, 2001), ou seja, as diferenças e divergências não apareciam, pois o andrógino estava ligado ao mítico (LEITE JR., 2009) e o hermafrodita não poderia desestabilizar a ordem social.

b) Idade Média: o hermafrodita era considerado um demônio, uma pessoa maligna, pois sua origem representava algum tipo de castigo ou acordo com Satã (KAPPLER, 1994 *apud* LEITE JR., 2009) e, por isso, deveria morrer, não mais para apenas eliminar o mal do mundo, mas para não ameaçar e desorganizar o reino de deus sobre a terra, ou seja, o demônio não podia procriar e dar frutos.

O cristianismo nesta época não concordava com as crenças platônicas do andrógino ou mesmo de Hermafrodito, mas a própria Igreja passa a formular a ideia de que o Cristo, por ser a encarnação de Deus e sendo o todo, o uno, seria a junção do homem e da mulher e a divisão dos sexos dos mortais seria fruto do pecado original, que, com a morte, teria a divisão eliminada (LEITE JR., 2009). Assim, cria-se a ideia de um Cristo andrógino, de uma união perfeita e celestial, oriundo dos pensamentos platônicos e um homem “errado” quando hermafrodita, possuindo no corpo os dois sexos.

c) Renascimento: a partir do movimento humanista, os hermafroditas deixaram de ser perseguidos pela Igreja por sua condição de indefinição, de não se saber se homem ou mulher. Assim, o hermafrodita até poderia viver, desde que sendo criado com um determinado sexo. A perseguição, prisão ou pena de morte se daria neste período caso as atitudes e práticas não tivessem em conformidade com o sexo escolhido. A ordem social aqui também não poderia ser desestabilizada.

Desse modo, a diferença entre homens e mulheres era focada na diferenciação biológica e a união de masculino e feminino num mesmo ser era nomeado de andrógino ou hermafrodita, pois ambas as palavras eram utilizadas como sinônimas. Assim, tanto a ambiguidade de sexo quanto a ambiguidade de atitudes, vestimentas demonstrando uma mistura entre os sexos era considerado hermafroditismo.

Isso era aceito, pois nessa época havia o modelo de um sexo e dois gêneros, como demonstrado por Laqueur (2001) em *Inventando o sexo*. Em seus estudos de dissecação, as medidas corporais universais (temperatura, órgãos e funcionamento) eram dos homens e as mulheres eram consideradas iguais, porém, com o órgão genital ‘invertido’. A ideia era de que havia apenas um sexo que se manifestava de formas diferentes em homens e mulheres e o gênero dependia do grau de evolução do sexo. O sexo biológico era marcante na cultura e era utilizado para a definição de gênero e, o masculino, com a presença do pênis, era o sexo real<sup>4</sup>.

Assim, vários questionamentos com relação a sexo suscitaram no fim do século XVII e, se não fossem os escritos médicos, hermafroditas e andróginos seriam tratados como iguais até os dias de hoje. O que ocorreu foi uma separação entre o físico e o espírito para a mecanização do corpo devido às mudanças cultural, política e filosófica que ocorriam na Europa, como ascensão da burguesia ao poder, o Estado moderno instituindo sua burocracia, a busca por legitimar a relação entre ciência e religião e todas as consequências da modernidade fizeram com que se compreendesse a diferença dos sexos de outra maneira, ou seja, passa-se a compreender o sexo como sendo dois (LAQUEUR, 2001) e suas diferenças são compreendidas pela mudança da *epistémê* arcaica para a *epistémê* moderna (FOUCAULT, 1988).

---

<sup>4</sup> O modelo de sexo único estava ligado ao poder, assim, qualquer modificação com relação ao sexo seria uma modificação com relação ao gênero.

d) Iluminismo (século XVIII): a divisão entre dois sexos e dois gêneros passa a ser aceita numa época em que havia uma efervescência cultural, política, econômica e social e fez com que o hermafrodita, com sua existência sobrenatural, fosse afastado dessa cultura e, por outro lado, as mulheres adquiriram diferenciação no corpo sexuado e essa distinção passou a ser a psique masculina ou feminina e não mais a genitalidade.

Os hermafroditas deixaram de ser perseguidos e agora podiam escolher um dos sexos para conviver socialmente: “roupas, atitudes, sentimentos, papéis sociais, hierarquias, tudo deve estar em conformidade com o sexo escolhido, sem espaços para ambiguidades” (LEITE JR., 2009, p. 48). A delimitação do que é ser masculino e feminino precisava ser muito bem definida e vigiada em sociedade, pois o não enquadramento no sexo escolhido poderia levar à prisão e, com isso, as diferenças de gênero começaram a ser melhor traçadas: “ser homem ou mulher era manter uma posição social, um lugar na sociedade, assumir um papel cultural, não ser organicamente um ou outro de dois sexos incomensuráveis” (LAQUER, 2001, p. 19).

Nesse sentido, a troca de vestuário de um sexo por outro era vista como escândalo, pois as roupas eram um signo de diferenciação de gênero e *status* e, por meio da roupa era possível regular as fronteiras entre os grupos sociais e também entre os sexos.

Percebe-se que com essas mudanças em sociedade, as trocas serviriam apenas para carnavalizar. O ideal do período era organizar as pessoas em sociedade, fazer a gestão da população (FOUCAULT, 1988), pois não poderia haver alguém com dois sexos e dois gêneros, mas sim um sexo e seu gênero correspondente, ou seja, o hermafrodita deixa de ser algo fantástico, um corpo anatômico estranho, para ser alguém sexuado (controle da população) e sexualizado (prazeres individuais). Assim, aquilo que uma pessoa era estava representado num conjunto único: aparência, posição social, classe social, comportamento, roupas etc., mas com a separação entre corpo e mente, o hermafrodita também se fragmenta e se subjetiva.

e) Era Vitoriana (século XIX): o hermafrodita anatômico foi legado à fisiologia, biologia enquanto o hermafrodita psíquico dará origem, no século XX, aos transgêneros e suas outras possibilidades de identidades (LEITE JR., 2009).

Nesse sentido, no final do século XIX e início do XX começa a surgir questionamentos para a separação e diferenciação entre o que seria sexo, gênero e orientação sexual (LEITE JR., 2009) na tentativa de romper conceitos que não mais serviam para a nova sociedade e suas demandas. A anormalidade do hermafrodita do

---

século XIX passa a ser aceitável e “curável” por meio de cirurgias que transformam o corpo do hermafrodita psíquico e de todas as pessoas que, por algum motivo, não estão satisfeitas com a sua condição sexual ou de gênero.

f) Século XX: com o avanço da medicina, o hermafrodita deixou de ser visto como andrógino e passou, no século XIX, a ser visto como anormal, sendo investigado pela psique, na tentativa de encontrar uma forma consciente ou não de pensar o masculino e o feminino. Com esses estudos, na modernidade, ganha a nomenclatura de intersexo, ou seja, uma pessoa pode ter a presença simultânea dos dois sexos, mas também dos dois gêneros.

Desse modo, se a pessoa nasce com um pênis, sente atração por mulher ou se nasce com vagina e sente atração por homens, sexo, gênero e desejo estão organizados, mas se isso não acontece poderia ser entendido como um desvio, um sexo invertido, um estado de intersexo, o que gera uma crise de identidade provindo do hermafrodita psíquico, ou seja, é na mente que surgem as novas possibilidades: interssexuais, homossexuais, travestis, transexuais etc.

E, com isso, novos debates são colocados sobre os limites entre homens e mulheres, masculino e feminino, porém, nesse período é possível pela medicina a cirurgia e a transformação de uma pessoa de um sexo em outro e pela indústria farmacêutica o uso de hormônios que ajudarão a modificar o corpo. E cada vez mais o conceito de gênero ligado ao sexo vai tornando-se frágil, devendo ser repensado para essa nova sociedade, essa nova psique e esses novos corpos (FOUCAULT, 2006). Novos limites, novas normas e novas identidades.

Percebemos que o hermafrodita passou do universo mítico, mágico (um sexo e dois gêneros), para o pseudo-hermafrodita da medicina moderna (dois sexos e dois gêneros), para o hermafrodita psíquico, subjetivo, que gerou os novos sujeitos sexuais.

O termo andrógino, que até o século XVIII foi utilizado como sinônimo de hermafrodita, vai reaparecer por volta de 1960 como um comportamento cultural provindo das lutas libertárias e pelas discussões de gêneros do movimento feminista. O hermafrodita passa então a ser uma questão biológica, enquanto que o andrógino passa a ser uma questão cultural, não questionando mais o sexo, mas o gênero em relação com o sexo, o desejo e as práticas (BUTLER, 2014).

É preciso salientar que o andrógino não questiona a orientação sexual dos indivíduos: “homens andróginos manifestam sua sexualidade masculina natural,

espontânea e desinibida, enquanto mulheres andróginas podem ser totalmente femininas em sua própria sexualidade [...] nenhum tende a extremos” (SINGER, 1990, p. 36), mas revela um estilo flexível e adaptável aos papéis sociais sexualizantes de masculino e feminino impostos pelo arquétipo de gênero, se identificando com situações tanto tidas como masculinas e femininas, mas sem indiferenciar sua identidade, pois combinam o masculino e o feminino sem impor os limites de cada gênero (RABOT; RUAS, 2013).

O que precisamos compreender sobre o andrógino é que as características de sexo e gênero, já tão internalizadas, seriam o motivo pelo qual se dificulta o entendimento da *androginia*, pois é preciso abrir mão de hábitos, comportamentos, modos de ser denominados culturalmente para compreender que não há a necessidade de classificação, divisão, empoderamento de um sob o outro.

No início dos anos 70, a *androginia* estava na moda, pois se buscava uma reconciliação entre os sexos, uma libertação dos indivíduos àquilo que era apropriado. Surgiu numa época em que a sexualidade ambígua era um elemento de choque para a cultura popular, mas demonstrava uma busca por mudança social (GARBER, 1997).

Nos anos 1980, a androginia passou a ganhar visibilidade e a ser discutida vinda de um movimento social e cultural de corrente francesa, em que representava um novo visual, um movimento marginal ou extravagante de viver a vida e representada por artistas como: Boy George, Annie Lennox, David Bowie, Freddie Mercury, Marilyn Manson, Prince, Mickael Jackson, Ney Matogrosso, Madonna, Lady Gaga, entre outros (RABOT, RUAS, 2013). O movimento questionava a definição de gênero, o que seria o gênero andrógino ou mesmo se a androginia seria um pós-gênero, incorporando um estilo de vida, moda e comportamentos diferentes da polaridade masculino/feminino.

Desse modo, investigaremos como a mídia representa o andrógino e como isso impacta no entendimento dessa identidade.

### **Representação Midiática da Androginia**

Para compreender a representação do andrógino na mídia revista<sup>5</sup>, foi reunido um *corpus* com 21 revistas de circulação nacional (de 1993 a 2015)<sup>6</sup> em que o termo

<sup>5</sup> A mídia revista foi escolhida pois foi o local em que mais se encontrou material sobre androginia.

<sup>6</sup> As revistas analisadas foram: Capricho, Todateen, Kzuka, Cult, Brasileiros, Caras, Quem, Superinteressante, Galileu, Isto é Dinheiro, Glamour, Criativa, Vogue, Veja, Isto é, Época, Carta Capital, Carta Maior, Trip, Billboard, Rolling Stone Brasil.

androginia ou andróginos aparecia, totalizando 80 matérias. Por meio da Análise do *ethos*<sup>7</sup> (MAINGUENEAU, 2008), em que no texto escrito também pode ser apreendida uma imagem de quem ou de que se fala e, por isso, todo discurso possui uma voz, que suporta um tom enunciativo que acaba por revelar uma imagem discursiva (não apenas em enunciados orais, como na retórica clássica, mas na escrita também), uma vez que é possível observar uma voz e um corpo: “a leitura faz, então, emergir uma instância subjetiva que desempenha o papel de fiador do que é dito” (MAINGUENEAU, 2008, p. 98).

Ao analisar o tom do texto, é possível construir uma imagem do corpo do enunciador (não o corpo do autor), que será o fiador do texto, contendo características de caráter e corporalidade, apresentando então, não apenas uma maneira de dizer, mas uma maneira de ser. Ao corpo em conformidade com o *ethos*, é atribuído o caráter e a corporalidade. “O “caráter” corresponde a um feixe de traços psicológicos. Quanto à “corporalidade”, ela é associada a uma compleição física e a uma forma de se vestir” (MAINGUENEAU, 2008, p. 65).

Assim, foi possível perceber, de acordo com o *corpus* selecionado, que a representação da androginia tem um tom futurista, de vanguarda, para pessoas que estão à frente de seu tempo, com um posicionamento que questiona as posições e classificações de gênero, que seriam vistas como conservadoras e que não atendem mais aos anseios de uma população mais plural e libertária com relação ao gênero, que mistura as características masculinas e femininas, que busca um novo lugar para o gênero, pois este não faz mais sentido na atualidade. Assim, o *ethos* andrógino se ancora num tripé que pode ser entendido como sendo **Ousado, Libertário e Revolucionário** (PISA, 2017).

Em diferentes universos discursivos o *ethos* andrógino se relaciona direta ou indiretamente com a moda, com a roupa, com os signos que são carregados e adornam o corpo. Esses signos representam uma inquietação, uma insatisfação com a impossibilidade de ser quem se quer ser, de atender a padrões de papéis e comportamentos de gênero muito fechados, ou seja, o andrógino valida sua identidade por meio do universo discursivo da moda e, sendo assim, o corpo fiador que sustenta esse *ethos* são os estereótipos de modelos. Outras referências são chamadas para validar o *ethos*

---

<sup>7</sup> Cabe enfatizar que o interesse com relação ao *ethos* tem aumentado devido às mídias reproduzirem uma dada realidade social, modos de vida, comportamentos, posicionamentos, entendimentos, mas também atribuindo certos significados que são resultados de processos interacionais (MAINGUENEAU, 2008).

---

andrógino, como cantores e celebridades presentes no campo midiático, porém, em todos os casos, as características que permanecem são um corpo branco, magro e muitas vezes alto, correspondente ao estereótipo de modelos. Outra característica do estereótipo de modelos é a juventude, pois não aparecem crianças, pessoas mais velhas ou idosas como corpos representativos: a androginia é coisa de gente jovem (PISA, 2017).

Dentro desse recorte foi possível perceber que a partir de 2011, a androginia continua a aparecer na moda como um afrouxamento da dualidade entre os gêneros masculino e feminino, mas começa a aparecer também como algo novo, propondo uma discussão das classificações de gênero, apostando num terceiro gênero, pós-gênero, agender, unissex, saindo das trocas de vestimentas e indo para um único tipo de roupa tanto para homens quanto para mulheres. A androginia passa a ser tema de matérias relacionadas à moda e cria um novo sujeito com características físicas, apresentando o termo modelo andrógino como categoria de identidade e corpo representativo.

Aqui cabe a observação do corpo físico andrógino. Na pesquisa (PISA, 2017) foi possível fazer um quadro semântico dos termos relacionados à natureza física do andrógino, sendo visto as seguintes expressões: forma andrógina, magreza (para dar impressão de androginia), magreza profunda, rosto pálido e com olheiras, modelo andrógino, tipo andrógino, signo da mudança, beleza pela beleza e imagem híbrida (p. 155).

Assim, notamos que as características que descrevem o andrógino vão desde se livrar de características naturais do corpo; julgar que tudo é belo em beleza pela beleza; imagem híbrida entre os sexos, promovendo uma mistura e garantindo uma forma andrógina, um modelo andrógino. Esse modelo e esse corpo carregam as características de muita magreza, palidez e olhos fundos, com olheiras, remetendo a um corpo doente, um corpo próximo da morte, um não-corpo.

É esse não-corpo que passa pelos regimes de visibilidade das matérias e chega até o leitor final que, num processo de incorporação, tem referência para fazer a seguinte relação: androginia é um corpo misturado, muito magro – negativamente, fazendo esse leitor negar e não querer se apropriar do tema, da discussão, do entendimento do que seria androginia. Androginia perde a valoração positiva, pois nega o que dá vida e vitalidade ao corpo, ao mesmo tempo que não é uma coisa e nem outra, não é homem ou mulher, mas alguém com características de homem e mulher ao mesmo tempo.

---

## Considerações finais

Podemos questionar por que analisar o discurso midiático se ele se encontra numa lógica comercial organizada em torno de propósitos econômicos e mercadológicos, tornando-se apenas rentável do ponto de vista comercial. Porém, o que interessa é a maneira como o discurso da informação é produzido levando em consideração a relação simbólica, o modo como vivem as comunidades e como os sentidos sociais são construídos. Para Charaudeau (2009), é justamente esse o papel do pesquisador, “o de descrever os mecanismos que presidem a esse simbólico e as diferentes configurações que o tornam visível” (2009, p. 18), o de compreender esse valor simbólico revelado nos discursos produzidos.

Assim, o discurso midiático traz informações que constroem determinados *ethos*, que para Stasiak (2009) ajuda a organizar a presença dos sujeitos no mundo. Esse processo é favorecido pela circulação dos discursos para mostrar os efeitos de sentido que são enaltecidos pela visibilidade a certas informações (SILVA, 2012).

A discussão cultural e social do andrógino é colocada em pauta por meio do discurso da moda, mas não apenas ancora o tema, propõe uma nova forma de consumo quando apresenta um novo modo de ser, mais igualitário, sem gênero. O ser igual é refletido nas roupas que utilizam a mesma padronagem, tanto para homens quanto para mulheres e, assim, cria um novo produto com valor simbólico de luta pela igualdade entre homens e mulheres, ou seja, discute-se o gênero também por meio do consumo. O que pode acarretar certa diluição do efeito de questionamento, visto que o cultural se fragmenta com o consumo (CANCLINI, 2011) e gera novos signos e símbolos a serem adquiridos.

Porém, o que foi percebido é que pouco se fala sobre androginia, apenas uma matéria tinha como tema principal a androginia (PISA, 2017), o lugar de fala passa pela moda, pelos modelos andróginos, mas não se discute, não se aprofunda sobre essa desestabilização do gênero e como poderia ser. Quando os termos utilizados para dizer sobre a natureza física do andrógino trazem a representação de um não-corpo, de um não ser, evidenciam a invisibilidade midiática: quem quer ser assim? Podendo ir para a esfera do folclórico, do pitoresco, não sendo levado a sério. Outra questão é que o andrógino se enquadra nas identidades não-binárias, juntamente com o *queer*, e parecem não ter reconhecimento justamente porque é mais difícil pensar as identidades fora do binarismo,

---

relegando-as à uma esfera quase que de sonho, mostrando que poucas pessoas podem ou devem ser assim, denunciando uma política conservadora para se pensar identidades e gênero: a ambiguidade é entendida como desviante.

A androginia possibilita uma abertura para pensarmos a possibilidade de cada sujeito ser autêntico, compreendendo dentro de si o masculino e o feminino e, conseqüentemente, desafiando a heteronormatividade com as polaridades de sexo: homem e mulher; e gênero: masculino e feminino.

De acordo com Singer (1990), há muitos indícios de uma tendência andrógina no Ocidente, seja nos hábitos e costumes sociais, na moral ou na percepção de várias pessoas em buscarem a consciência de si no mundo em que vivem, como o movimento feminista, que trouxe a discussão sobre a condição precária e desigual na qual as mulheres passaram por tantos anos e promovendo novas possibilidades de ascensão das mulheres ou mesmo de repensar as condições de sexo, gênero e sexualidade.

Porém, Singer (1990) acredita que é hora das pessoas se libertarem dos papéis de sexo e gênero enquanto estereótipos: “não importa como uma sociedade define o princípio masculino e o princípio feminino, sempre haverá uma diferença” (p. 150). E a busca por essa nova identificação traz novas formas de valores, práticas, imagem, corpo, moda, pensamentos, comportamentos e relacionamentos com o(s) outro(s).

Podemos entender que a androginia procura diluir a fronteira dos gêneros e não mais relacionar gênero com sexo ou sexualidade e, com isso, se libertar dos estereótipos, mas não é isso que a mídia faz, pois de acordo com o material analisado, podemos destacar que há um estereótipo explorado pelas revistas que constroem um *ethos* ousado, libertário e revolucionário, juntamente com um corpo representativo de modelo, que além de ser branco, magro e muitas vezes alto, representa um corpo doente, de um não ser, um não-corpo, o que contradiz a liberdade que a androginia busca e a quebra de estereótipos proposta por Singer (1990).

## REFERÊNCIAS

BUTLER, Judith. **Problemas de gênero**: feminismo e subversão da identidade. Tradução Renato Aguiar. 7.ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2014.

CANCLINI, Nestor García. **Consumidores e cidadãos**: conflitos multiculturais da globalização. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 1997.

\_\_\_\_\_. La Globalización: productora de culturas híbridas? In: **Actas del III Congreso Latinoamericano de la Asociación Internacional para el Estudio de la Música Popular**. 2011.

pp. 1-18. Disponível em: <<http://pt.slideshare.net/jcarangoq72/ernesto-garcia-canclinila-globalizacin-productora-de-culturas-hbridas>>. Acesso em: 12 abr. 2015.

CASTELLS, Manuel. **O poder da identidade**. Tradução de Klauss Brandini Gerhardt. 6.ed. São Paulo: Paz e Terra, 2008.

CHARAUDEAU, Patrick. **Discurso das Mídias**. Tradução Angela S. M.Corrêa. São Paulo: Contexto, 2009.

DELEUZE, Gilles. **Conversações**. Rio de Janeiro: Ed. 34, 1992.

DUARTE, Pedro Russi. A midiatização como processo de construção das identidades culturais: estudo dos processos de produção de sentido – na mídia impressa brasileira e uruguaia – das representações interculturais dos imigrantes. **Intercom** 2002. Disponível em: <[http://www.intercom.org.br/papers/nacionais/2002/congresso2002\\_anais/2002\\_NP12DUARTE.pdf](http://www.intercom.org.br/papers/nacionais/2002/congresso2002_anais/2002_NP12DUARTE.pdf)>. Acesso em: 15 abr. 2016.

FOUCAULT, Michel. **História da Sexualidade: a vontade de saber**. Rio de Janeiro: Graal, 1988.

\_\_\_\_\_. **Problematização do Sujeito: psicologia, psiquiatria e psicanálise**. 2.ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2006 (Ditos e Escritos; 1).

GARBER, Marjorie. **Vice-Versa: bissexualidade e o erotismo na vida cotidiana**. São Paulo: Record, 1997.

GIDDENS, Anthony. **Modernidade e identidade pessoal**. Lisboa: Celta, 1994.

HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós-modernidade**. Tradução Tomaz Tadeu da Silva; Guaracira Lopes Louro. 11. ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2006.

LAQUEUR, Thomas Walter. **Inventando o sexo: corpo e gênero dos gregos a Freud**. Tradução Vera Whately. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 2001.

LEITE JÚNIOR, Jorge. **Nossos corpos também mudam: invenção das categorias “travesti” e “transexual” no discurso científico**. São Paulo: Annalume, FAPESP, 2011.

LOPES, Fernanda Lima. As noções de mediação e midiatização para o estudo da identidade jornalística. **VIII Simpósio Nacional ABCiber**. ESPM, 3 a 5 dezembro 2014. Disponível em: <[http://www.abciber.org.br/simposio2014/anais/GTs/fernanda\\_lima\\_lopes\\_35.pdf](http://www.abciber.org.br/simposio2014/anais/GTs/fernanda_lima_lopes_35.pdf)>. Acesso em: 15 abr. 2016.

MAINGUENEAU, Dominique. **Novas tendências em análise do discurso**. Campinas, SP: Pontes/Unicamp, 2008.

\_\_\_\_\_. *Ethos*, cenografia, incorporação. In: AMOSSY, Ruth. (Org.). **Imagens de si no discurso: a construção do *ethos***. 2.ed. São Paulo: Contexto, 2016.

PAIVA, Cláudio Cardoso de. Sob o signo de Hermes, o espírito mediador: midiatização, interação e comunicação. In: MATTOS, Maria Ângela; JANOTTI JR., Jeder; JACKS, Nilda (Orgs.). **Mediação e Midiatização**. Salvador; Brasília: EDUFBA, Compós, 2012. pp. 149-172. Disponível em: <[https://repositorio.ufba.br/ri/bitstream/ri/6187/1/MIDIATIZACAO\\_repositorio.pdf](https://repositorio.ufba.br/ri/bitstream/ri/6187/1/MIDIATIZACAO_repositorio.pdf)>. Acesso em: 20 mar. 2016.

---

PISA, Lícia Frezza. **Androginia como identidade contemporânea**: a construção do *ethos* em revistas nacionais. 2017. Tese (Doutorado em Comunicação Social) - Escola de Comunicação, Educação e Humanidades da Universidade Metodista de São Paulo, São Bernardo do Campo, 2017.

RABOT, Jean-Martin; RUAS, Manuela. O estilo andrógino contemporâneo: um desvio do imaginário em busca de um novo arquétipo do gênero? In: **Comunicação e Cultura: II Jornada de doutorandos em Ciências da Comunicação e Estudos Culturais**. Centro de Estudos de Comunicação e Sociedade, Universidade do Minho: Pinto-Coelho, Z. & Fidalgo, J. (Eds), 2013, p. 73-86. Disponível em: <[http://repositorium.sdum.uminho.pt/bitstream/1822/29836/1/MR\\_JMR\\_estilo\\_androgino.pdf](http://repositorium.sdum.uminho.pt/bitstream/1822/29836/1/MR_JMR_estilo_androgino.pdf)>. Acesso em: 20 dez. 2014.

SILVA, Gislene. Pode o conceito reformulado de bios midiático conciliar mediações e midiaticização? In: MATTOS, Maria Ângela; JANOTTI JR., Jeder; JACKS, Nilda (Orgs.). **Mediação e Midiaticização**. Salvador; Brasília: EDUFBA, Compós, 2012. pp. 107-122. Disponível em: <[https://repositorio.ufba.br/ri/bitstream/ri/6187/1/MIDIATIZACAO\\_repositorio.pdf](https://repositorio.ufba.br/ri/bitstream/ri/6187/1/MIDIATIZACAO_repositorio.pdf)>. Acesso em: 20 mar. 2016.

SINGER, June. **Androginia**: rumo a uma nova teoria da sexualidade. Tradução Carlos Afonso Malferrari. São Paulo: Cultrix, 1990.

STASIAK, Daiana. Abordagens contemporâneas e cultura no contexto midiaticizado. **Estudo em Comunicação**, n. 6, pp. 227-238. 2009. Disponível em: <<http://www.ec.ubi.pt/ec/06/pdf/daiana-stasiak-abordagens.pdf>>. Acesso em: 15 abr. 2016.